

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

No vai-e-vem das marés vivências das marisqueiras de Salinas da Margarida: 1960-2000

Rosana Costa Gomes^{1*}

Resumo: Neste artigo discuto as vivências das marisqueiras de Salinas da Margarida Recôncavo Sul da Bahia – a partir de seus depoimentos sobre a prática da mariscagem, atividade que envolve relações de trabalho em grupo e que perpetua uma tradição marcada por aspectos próprios, referenciando a luta pela sobrevivência.

Palavras-chave: cultura; trabalho; mulheres.

Abstract: At this article is discussed the existence of the shellfishing from Salinas da Margarida – Recôncavo to the south of Bahia – after yours testifying about the practice of the shellfishing, actiartes that evolve relations of work in group and that is perpetual in a tradition remem brance marked for own aspects, referencing the fight for surarival.

Keywords: culture;work;women.

A história das classes sociais populares nos últimos tempos tem ganhado força, respeito e espaço com a História oral. A produção historiográfica que outrora em sua maioria apenas exaltava a história mitificada dos que se intitulavam ou eram canonizados como heróis, agora passa a olhar para outros ângulos. Com essa nova vertente, os silenciados hoje têm voz ativa, construindo com seus feitos, mesmo parecendo simples em seu impacto social, são considerados importantes contribuintes e edificadores da história. Assim, podem fornecer para as futuras gerações, através dos registros históricos de suas vidas, orientações com exemplos que foram por eles vivenciados para que sirvam como referencial para outras pessoas, na busca da concretização de novas metas que poderão ser atingidas com êxito, ainda que sejam “coisas deixadas “de lado”. Mas nesse inventário de aparentes miudezas, reside à imensidão e a complexidade através da qual a história se faz e se reconcilia consigo mesma.” (DEL PRIORE, 1997: 274).

Hoje, as pessoas simples aparentemente banais têm suas vidas sublimadas pelo respeito, a sua condição de sujeito histórico, até porque “A história vista de baixo ajuda a convencer aquele de nós nascidos sem colheres de prata em nossas bocas, de que temos um passado, de que viemos de algum lugar.” (SHARPE, 1992: 62) Uma lágrima de um homem

¹ Graduada em História; Especialista em História Regional e Mestranda em História Regional e Local pelo CAMPUS V da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, em Santo Antonio de Jesus-Bahia; Professora da Rede Pública Estadual da Bahia.

considerado comum pode ser invisível aos olhos da sociedade que ele vive, mas pode não ser apenas uma lágrima diante dos olhos de um historiador envolvido com a produção historiográfica contemporânea. Nesse sentido, a presente proposta de pesquisa que tem como objeto de estudo as vivências das marisqueiras de Salinas da Margarida. O estudo dessas mulheres oferece possibilidades novas e enriquecedoras de análise de sujeitos importantes, que constroem a história, edificando assim a produção do conhecimento histórico regional. Assim, as marisqueiras inseridas nesta abordagem da história regional, com suas histórias de vida que retratam o concreto do cotidiano e a especificidade da singularidade de suas práticas de vida, contribuem para a compreensão da história local.

A marcação cronológica do briqueitar da vida das mulheres marisqueiras é regida pelo vai-e-vem das marés, esclarecendo quanto a este conceito, Thompson faz considerações quanto à temporalidade vivida no porto marítimo: “[...] a padronização do tempo social no porto marítimo observa os ritmos do mar; e isso parece natural e compreensível para os pescadores ou navegantes: a compulsão é própria da natureza”. (THOMPSON, 1998: 271).

Essa noção de tempo é vivenciada pelas marisqueiras em Salinas da Margarida, pois quando as águas apresentam um menor volume nas areias das praias e nas áreas dos manguezais é que elas se dirigem para os locais que podem ser considerados a sua oficina de trabalho. Lá, elas permanecem por horas a fio independente de chuva ou sol, extraindo das areias pequenas conchas onde estão os moluscos, denominados no local de chumbinhos os quais representam o ganha pão para muitas famílias em Salinas da Margarida, município localizado no Recôncavo Sul da Bahia, na Bacia Hidrográfica do Rio Paraguaçu, na Baía de Todos os Santos, a 280 Km da capital Salvador via BA-001 BR-324. (CEI, 1994: 523, 535).

Uma das características desta pesca artesanal é ser desenvolvida com a participação de membros familiares em que o material pescado é consumido pela própria família ou vendido, para através desse dinheiro obterem outros bens necessários à manutenção diária de suas vidas. Na coleta do chumbinho é necessário o uso de qualquer instrumento que sirva para cavar as areias da praia em uma rasa profundidade.



FIGURA 01: Mulher mariscando. (Fotografia de pesquisa, 2003).

Esse trabalho é marcado por aspectos próprios e uma de suas características é ser desenvolvido de maneira difícil e estafante. O depoimento abaixo de Cleide, marisqueira indica essa peculiaridade:

É cansativo, é difícil pra caramba! Cavar de um em um ali no sol quente, pegar o peso. Pra você pegar um quilo de marisco, você passa horas ali mariscando, raspando aquela areia todinha. Lava o marisco, coloca na vasilha e leva na cabeça o peso. A distância de casa é sempre muito, muito quilômetro, muito mesmo. E você vai lá no sol, na areia quente [...] No inverno não se fala... A chuva é chuva demais, aqui chove demais. Ai, tem que ir para a maré debaixo de chuva, trovoada... (SILVA, 2002).

Pode-se notar no depoimento, e na foto acima a dificuldade em desenvolver este trabalho. Elas o fazem de cócoras ou debruçadas sobre as areias, cavam e catam as pequenas conchas com grande maestria. A quantidade sempre depende do peso que se agüenta transportar. A denominação que é dada ao marisco chumbinho, parece fazer sentido, pois eles são pequenos, não tão pequenos quanto à esfera do chumbo industrializado para arma de fogo, mas mesmo assim pequenos e pesados, e quando fervidos pela segunda vez - a primeira vez é para poder tirá-los das conchas - sai um caldo da cor de chumbo. A necessidade de fervê-los pela segunda vez é para que seja tirada uma substância que às vezes provoca mal estar nas pessoas.

Porém, toda a dificuldade é relativamente deixada de lado quando, possivelmente por conformidade pelo fato de não possuírem outra forma de sobrevivência, agradecem a Deus por dar-lhes a maré e terem através dela o sustento. É o que Cleide expõe:

É muito difícil mesmo, é péssimo mariscar. Mas... É bom! Eu agradeço muito a Deus de ter a maré, como muitas pessoas, porque é um meio de sustento. Porque se não tivesse a maré... Eu já chorei várias vezes porque não tinha o que dar às minhas filhas, e naquele dia eu amanhecia aí, ia mariscar. Voltava, e de noite já tinha o leite, a farinha de mingau, coisas que se fosse em Salvador, ou em outro lugar não tinha, né? Porque aqui, apesar de ser pequena, pouco conhecida, tem o recurso que é a maré. (SILVA, 2002).

O depoimento de Cleide é caracterizado por sentimentos ambíguos, que marcam a sua relação com o trabalho da mariscagem. O difícil, o péssimo e o bom se mesclam durante todo o período em que ela se refere ao seu trabalho. Ela aponta Salinas como uma cidade pequena que apesar de não oferecer muitas outras possibilidades de trabalho, tem a maré que permite a conquista do pão diário. Cita a capital Salvador que, apesar de possuir muitas outras possibilidades de trabalhos, ela acredita que se morasse lá passaria

dificuldades ainda maiores do que aquelas que passa em Salinas. Faz questão de ressaltar que gosta de mariscar, apenas não gostaria que fosse esse o único meio de sustento, pois sem essa preocupação, a maré se tornaria um lugar de lazer, onde é possível brincar, tomar banho, e não apenas pegar frutos do mar.²

Em Salinas, os moradores encontraram muitas vantagens neste marisco. Muitas casas têm suas alvenarias feitas com as conchas dos chumbinhos, substituindo as britas na composição do concreto.



FIGURA 02: Passeio e alvenaria construídos com a concha do chumbinho substituindo a brita. (Foto de Lauro Souza, 2001).

Certamente, uma imagem que salta aos olhos de quem visita Salinas são as múltiplas invenções feitas com os mariscos, além da culinária, os artesanatos feitos com suas conchas, que são produzidos também pelas marisqueiras.

A mariscagem normalmente se realiza em grupo. As mulheres na véspera de irem para o trabalho marcam o encontro. Antes se informam do horário da maré, o momento em que a maré apresenta um volume menor de água nos locais da mariscagem, deixando as areias descobertas, propícias ao trabalho. Cientes do horário se encontram e dirigem-se caminhando para a “oficina” de trabalho. Normalmente vão em grupo de quatro, cinco, seis ou mais mulheres.

Ao chegarem à praia, encontram outros grupos de marisqueiras. Esse convívio é quase sempre marcado com relativa descontração. Elas conversam sobre os acontecimentos do dia-a-dia, contam anedotas e cantam tudo isso com o intuito de tornar o trabalho mais leve, fazendo com que o tempo passe mais rápido e a atividade até fique divertida. Contudo, em alguns momentos ocorrem conflitos gerados, por exemplo, quando alguma marisqueira pega o

² Cleide tem 22 anos de idade, é filha e neta de marisqueiras. Começou a mariscar com a idade de 12 anos. Tem duas filhas e não mora com nenhum dos pais das crianças. Quando começou a mariscar era apenas para ajudar na renda familiar. Hoje, por não receber nenhuma ajuda dos pais das filhas, responde sozinha pelo sustento familiar. Trabalha temporariamente em uma das pousadas de Salinas. Segundo ela, esse trabalho não lhe oferece nenhum vínculo empregatício e o salário que recebe é pouco. Assim, continua mariscando para ajudar no orçamento familiar.

produto da outra ou quando problemas familiares são discutidos com os próprios parentes ou colegas no local de trabalho.

Algumas marisqueiras quando abordadas sobre possíveis desavenças ocorridas nos espaços das mariscagens, mostraram-se relutantes em falarem sobre o assunto. Cleide, com ponderação, deu amostras de como elas reagem nesses espaços de socialização quando pressionadas por algum problema. As brigas surgem para se defenderem, reivindicarem seus direitos ou expressarem suas idéias. Apesar de ocorrerem os desentendimentos, a relutância de muitas em não querer os explicitar, pode ser interpretado como uma vontade delas não quererem colocá-los como uma característica marcante nos contatos das mariscagens. Buscam com isso evitar que se tenha uma visão negativa desses convívios. É possível observar indícios da ética profissional que permeiam essas ações. Cuidam com isso para que não haja visões que de alguma forma transgridam os espaços “sagrados” de onde elas tiram seus sustentos.

Esse território de sociabilidade, conta também com a presença das crianças regularmente. Vários são os motivos que as fazem acompanhar suas mães. Vejamos no depoimento da marisqueira Cleide um desses motivos:

Minha mãe não tinha uma boa condição, uma condição melhorzinha pra poder manter a gente sem mariscar. A gente fazia de tudo, mas meu pai tava desempregado. Esse período foi que meu pai tava seis anos desempregado, sem fazer nada. Aí tinha que ir todo dia pra maré. Aí a gente ia pra ajudar. Minha mãe não queria, às vezes. Mas só que a gente... As maiores, como era eu e minha irmã e a outra que vem depois de mim. Eu tinha doze, dez a menor e a maior quatorze, a gente achava na obrigação de ajudar a minha mãe, e como a gente não ficava fazendo nada em casa, só fazia no período da escola, a gente achava melhor ir. (SILVA, 2002).

Apesar de serem tão novas, o comportamento de Cleide e de suas irmãs revelam um alto grau de conscientização da ajuda delas na manutenção familiar, pois com o pai desempregado, o sustento da casa deveria ser mantido, e não achavam justo que a mãe fizesse sozinha o trabalho. O pai de Cleide dava sua contribuição através da pesca e ajudava mãe e filhas, cavando e transportando os mariscos.

As crianças são educadas durante o convívio com suas mães e com as colegas de suas mães, o tempo da convivência se repete todos os dias por longas horas, elas presenciam as conversas dos adultos enquanto trabalham e brincam. A contribuição infantil no trabalho representa uma quantidade maior de mariscos catados e também ajuda no transporte. Dessa forma também, é assegurada a transmissão da tradição. Esses adultos que faziam este trabalho quando crianças, dizem hoje que não o faziam obrigadas, colocavam-se a disposição para ajudar e lançavam-se em direção da maré com risos e brincadeiras. Lá, ao contrário dos

adultos, não sentiam tanto o peso da responsabilidade de mariscar e acabavam se divertindo com a criatividade própria da infância.

Retirados os moluscos, as conchas do chumbinho são lançadas na frente, ao lado ou no fundo das casas das marisqueiras que, entre outras utilidades, essas conchas servem para a recreação das crianças. Nesses espaços, o lazer e o trabalho infantil parecem que se encontram irremediavelmente unidos ao marisco.



FIGURA 03: Criança brincando sobre conchas de chumbinho. (Foto de Lauro Souza, 2001).

Também a respeito do cuidado com os filhos na escola e na mariscagem, Dona Francisca expõe sua preocupação:

Deixar em casa pra procurar confusão? Pra quando eu chegar ter confusão? Eu levava na minha frente. Eu só deixava quando era de noite. Eu saía daqui 4:00 da manhã, chegava cedo, pra ainda acordar eles pra ir pra escola, na maré de ponta. Mas quando não era maré de ponta, era maré tardeira quem estudasse de manhã ia pra escola, quem estudasse de tarde ia comigo. (SANTOS, 2002).

Dona Francisca com 58 anos de idade, aposentada, conta que não tinha com quem deixar os filhos e por este motivo eles a acompanhavam durante as mariscagens. A maré de ponta, que ela faz referência, ocorre quando as águas vazam pouco, e isto ocorre pela manhã, bem cedo. Vazando pouco só ficam um pouco das areias descobertas propícias ao trabalho. A tardeira é quando elas vazam normalmente e mais tarde. Esta não atrapalhava o sono dos filhos e sempre de acordo com o horário da escola, eles iam com ela para a maré. Também neste depoimento é notável o cuidado da mãe com os estudos dos filhos. A preocupação primeira era o estudo e, para que não ficassem em casa sozinhos. Acompanhar as mães nas jornadas da mariscagem tinha também o significado de lazer para essas crianças. Nos locais do trabalho, eles se encontravam com outras crianças filhos de outras marisqueiras que juntos, além de catarem os mariscos, brincavam nas areias e nas águas onde se divertiam.

Esses são valores defendidos e sintetizam o pensamento comum de muitas marisqueiras. Valores que constituem o viver dessas mulheres e seus filhos e que não são

“pensados”, nem “chamados” por quem quer que seja. Thompson disserta com minúcia este conceito de valor:

Os valores (...) são vividos, e surgem dentro do mesmo vínculo com a vida material e as relações materiais em que surgem as nossas idéias. São as normas, regras, expectativas etc. necessárias e aprendidas (e “aprendidas” no sentimento) no “habitus” de viver; e aprendidas, em primeiro lugar, na família, no trabalho e na comunidade imediata. Sem esse aprendizado a vida social não poderia ser mantida e toda produção cessaria. (THOMPSON, 1981: 194).

Os valores são produzidos e reproduzidos na prática social, emergindo nas individualidades como conteúdo de sua historicidade. Na vida das marisqueiras e nos seus depoimentos, o valor básico da vida traz sempre à tona o conceito de atingir produtivamente o pão de cada dia como ápice da realização social.

Durante as conversas mantidas com marisqueiras, tentei perceber indícios que mostrassem possíveis aspectos negativos provocados em suas vidas ou na vida de seus filhos, por terem participado tão ativamente das mariscagens quando eles as acompanhavam ainda crianças. No entanto, sempre que toquei no assunto com as mães e com os filhos, não consegui perceber insatisfação ou queixa quanto a este aspecto. Porém, é bom ressaltar que durante as jornadas das mariscagens essas crianças ouviam e participavam das conversas dos adultos. É nessa fase que ocorre o desenvolvimento da formação do caráter humano, quando as crianças são imbuídas de conceitos positivos e negativos que recebem do meio social em que vivem. O caráter é fator adquirido pelo ser humano. Portanto para um desenvolvimento sadio do caráter, é preciso um cuidado especial com as crianças e uma minuciosa análise para saber até que ponto uma criança pode ou não ouvir conversas entre adultos; as conversas que essas crianças compartilhavam com os adultos é possível, que as influenciavam em muitas situações de suas vidas, tanto de forma positiva e negativa.

Em depoimento recolhidos é visível a conformidade dessas mulheres em aceitar a grande responsabilidade da liderança nesse trabalho e, segundo os depoimentos delas, a atividade de catar chumbinho é a mariscagem que mais dar trabalho e que é considerada por muitos como trabalho de mulher. A aceitação dessas mulheres em relação à ausência dos homens no desenvolvimento da mariscagem é uma dimensão de tradições que se perpetuam ao longo das gerações em diversas formações sociais, de valores que determinam a participação ou a ausência de homens e mulheres em algumas funções vinculadas ao trabalho.

No cotidiano de Salinas, pude notar uma resistência de alguns homens em se permitirem à realização de mariscarem, porque o tempo dedicado é longo. É este um outro ponto de vista que reforça o distanciamento de muitos homens, o fato de que a mariscagem ao

ser exercida, é imprescindível a paciência para se sustentar horas a fio debaixo de sol ou chuva nesse difícil ofício. Considera-se também que depois de catados nas areias das praias em média 15 Kg do chumbinho com as conchas e, depois de retiradas as conchas, é que se obtém 1Kg de chumbinho como resultado da mariscagem. Carregados desses significados, muitos homens se afastam desse trabalho em que concebem ser a figura feminina a única dotada de paciência, que é uma característica fundamental para esta labuta.

A vida de Cleide e de Francisca é como a de muitas mulheres de Salinas da Margarida, que desamparadas por seus ex-companheiros, viúvas ou mesmo morando com seus maridos, não medem dificuldades na luta pela sua sobrevivência e sobrevivência de seus entes queridos. Um recorte da história de vida destas mulheres anuncia reflexões sobre o lugar da oralidade ao propiciar aos agentes históricos tornarem suas estratégias de sobrevivência conhecidas mediante suas próprias palavras.

Fontes orais

Cleide França Silva, 22 anos de idade, marisqueira, residente em Salinas da Margarida. Entrevista em 01 de maio de 2002.

Francisca de Jesus Santos (D.Elza), 58 anos de idade, ex-marisqueira, residente no Porto da Telha. Salinas da Margarida. Entrevista em 31 de maio de 2002.

Documento produzido pelo Órgão Público do Estado da Bahia:

Centro de Estatísticas e Informações – CEI. Informações básicas dos municípios baianos: Recôncavo Sul. Salvador, 1994.

Iconográficas

Acervo fotográfico de particulares.

Fotografia da pesquisa de campo.

Referências bibliográficas

DEL PRIORE, Mary. **História do cotidiano e da vida privada**. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (Org.). *Domínios da História*: Rio de Janeiro: Campus, 1997.

SHARPE, Jim. **A história vista de baixo**. In: BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.

THOMPSON, E. P. **A Miséria da Teoria: ou um planetário de erros**. Zahar, Rio de Janeiro, 1981.

THOMPSON, E.P. **Costumes em Comum; estudos sobre a cultura popular tradicional.** Companhia das Letras. São Paulo. 1998.